

# Proposta de Bush para débitos desagrada Chase

JOSÉ MEIRELLES PASSOS  
Correspondente

WASHINGTON — A notícia de que a equipe econômica do Presidente eleito, George Bush, está traçando uma estratégia mais flexível para lidar com o problema da dívida externa do Terceiro Mundo, que conteria inclusive algumas opções para o alívio desse débito, não está agradando aos banqueiros privados. Um dos principais credores do Brasil já se pronunciou contrário a isso: "aliviar os devedores da responsabilidade de pagar o que devem prejudicaria os bancos americanos. E bancos enfraquecidos não são um bom indicio para a economia interna", comentou o Presidente do Chase Manhattan, Willard Butcher, num jantar realizado em Washington.

O banqueiro veio à cidade para uma reunião no American Enterprise Institute, um centro de estudos mantido por empresários e presidido atualmente pelo próprio Butcher.

Ali, ele disse aos colegas que os bancos não devem deixar de se esforçar para receber o que os países do Terceiro Mundo lhes devem.

— O governo começa a sugerir que deixemos de lado uma parte do que estão nos devendo, em nome do desenvolvimento desses países devedores, o que não achamos justo. Se é para atuar assim, por que o governo americano não perdoa, por exemplo, os empréstimos que os estudantes americanos tomaram em nome do desenvolvimento de suas próprias carreiras profissionais? — sugeriu o banqueiro.

Butcher acha que nenhuma porção do débito deve ser perdoada:

— Os próprios devedores teriam problemas se isso acontecesse, pois aqueles que não pagarem as suas dívidas estarão destinados a sofrer um longo período de abandono pelo mercado financeiro — disse ele durante o jantar.

Butcher revelou à platéia de ban-

queiros e economistas que a direção do Chase Manhattan chegou a pensar em fechar a sua carteira de créditos, passando a operar como uma companhia de serviços financeiros. Segundo ele, a renda que o banco vem obtendo através dos depósitos comuns caiu, enquanto os lucros de outras atividades — como cartões de crédito e câmbio aumentaram bastante.

— Chegamos a fazer um estudo a respeito e concluímos que, por enquanto, temos que permanecer como um banco. E o principal fator para que continuemos assim é a dívida externa do Terceiro Mundo. Enquanto carregarmos esse peso não podermos abrir mão de nossas carteiras — disse ele. "Enquanto tivermos milhões de dólares a cobrar do Brasil e da Argentina, não poderemos ter uma boa performance dedicando-nos a outras atividades, pois esse fato nos deixaria numa posição inferior no ranking das agências de serviços financeiros.